

A NATUREZA DE BERNARDO ÉLIS NO CONTO NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO RIO CORUMBÁ

¹ Loraine Resende de Souza

RESUMO:

Bernardo Élis, em seu conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Rio Corumbá*, traz a tona uma discussão sobre como era a relação do homem com a natureza no chamado sertão goiano. A literatura aparece como fonte no sentido de analisar como o homem enfrenta a natureza no momento de uma catástrofe natural. A fonte não é uma simples ficção, mas também relatos de sofrimentos, de modos de vida, enfim traz em si também o mundo do autor. As emoções por vez, guiam ações. Esse conto carrega em si uma dada condição social, vividas nos ranchos e nas casas de taipas á beira do Rio Corumbá, possibilitando uma discussão desses aspectos.

PALAVRA-CHAVE: Bernardo Élis, natureza, literatura.

INTRODUÇÃO

Os modos de vida no "sertão goiano", retratadas nas obras de Bernardo Élis e o vínculo do indivíduo com a natureza é o que será discutido nesse trabalho. Por ter tido uma vida interiorana em Corumbá de Goiás, o autor nos fornece ideias do espaço histórico de realidade e de vivências e de emoções contidos em suas obras. As relações sociedade e natureza são visíveis em muitos de seus textos. Está sempre se referindo as chuvas, ao rio Corumbá e Taquari, as estações do ano e o modo como os habitantes lidam com esse meio, ou seja, fala sobre o modo de vida de seu povo. E assim, "de certo modo, os aspectos físico-naturais também se tornam personagens na obra bernardiana; não somente como ambientadores, mas caracterizadores da narrativa." (CIRQUEIRA, 2011, p.26)

No conto *Nhola dos Anjos e a cheia do rio Corumbá*, traduzido para o alemão em 1969, o autor escreve sobre a mudança na natureza, como as ocorridas no tempo e as cheias do rio. É estruturado primeiramente, baseado na tradição em que os mais velhos diziam para se fazer círculos na terra para a chuva passar, a chamada simpatia. Há efeitos psicológicos e simbólicos nessa obra. Aqui a natureza adquire dimensão além do material, mas também como manifestação cultural de um povo, como os desenhos no chão.

A começar pelo rio, que começa a ser narrado como calmo e, de repente recebe a conotação de destruidor. O rio é chamado de roncador, porque o barulho das águas na correnteza é ao mesmo

tempo triste e temeroso, às vezes de tom mais forte, outras não. Nessa passagem, fica mais claro essa ideia: "Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá embaixo-ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zumzum subterrâneo." (ÉLIS, p.5)

O sentimento de que a qualquer momento poderia alagar tudo é um efeito que pressume o catastrófico. O roceiro descrito vive um momento de agonia, mas em vez de refugiar, ele continua no local por causa dos laços de famílias que constituíram, e um dos modos que se o personagem Quelemente enfrenta a chuva é "tirou a camisa molhada no corpo e se agachou na beira da fôrnalha." (ÉLIS, p.5).

As casas ao redor do Rio Capivari, melhor dizendo os ranchos feitos de bambus e buritis amarrados com imbiras, materiais retirados ali da redondeza para construí-las e, por sinal moradias frágeis. Segundo, o autor quando as cheias vinham eles ficavam ilhados.

Essa região teve outra serventia, que foi a criação de gado, porém as ervas-daninhas não o deixaram prosperar algumas fazendas. Outro fator, a ser enfrentado eram as doenças que também se alastrou, como a maleita que matou, quase toda a família de Dona Nhola. A vontade de mudar do lugar aparece, mas continua no mesmo lugar, talvez seja por pensar que é um destino, por falta de esperança ou algo mais.

A chuva caía aos poucos, e cada vez mais enchia o rio. Os ranchos molhados tornava-se verdadeiro refúgio de animais transmissores de doenças. A noite descrita é tenebrosa, sem claridade. O girau é o lugar onde se pode dormir, o que demonstra a situação difícil de miséria. O trágico é preponderante, nos leva a pensar o sofrimento por qual as pessoas viviam e passavam nas casas de taipa e nos ranchos em Goiás.

A descrição precisa é um de seus fortes. As águas adentram no rancho, e os moradores se apavoram de medo da voracidade das águas e ao mesmo tempo, parece uma certa entrega a natureza, mas uma natureza voltada para o sofrimento do homem. Segundo Eli Brásiliense "Ermos e Gerais é um verdadeiro documentário de nossa região.", porque para ele os contos "são reportagens perfeitas e vivas dos conflitos que andam esparsos nesse oco de mundo."

O meio descrito é hostil, pessoas sofridas pela miséria e arrasadas pela doença. As desgraças causadas pelas cheias do rio acaba por dizimar as famílias. O espaço Cerrado Goiano em Bernardo Élis,

se forma enquanto pessoa relacionando com a cultura que lhe apresenta. Os signos os simbólicos e os ritos que o transforma num agente observador ou num intérprete metafórica[o] do que lhe ocorre e do que ocorre no lugar. É do lugar que alça a sua

falha,esse lugarque está na sua alma,que medeiasua relação com o mundo.que dá sentido para sua condição de sujeito(CHAVEIRO,2007.p.180)

OBJETIVOS:Uma discussão a respeito da literatura e a história no sentido de percepção como o homem do sertão goiano se relaciona com a natureza ou melhor com o bioma Cerrado.Análise do conto calcada no significado e no espaço em que o autor viveu e como possíveis estudos dessas populações ribeirinhas.

METODOLOGIA:utilização do conto que está em *Ermos e Gerais* na obra Reunida chamada Alma de Goiás.Visualização de fotografias do rio Corumbá e nos relatos orais de pessoas que já moraram na beira de rios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:Abordagem do sentido de natureza por Bernardo Élis.A literatura não como representação fiel do real,apesar de referenciar nele.Por outro viés,também como um conjunto de vivências,costumes e emoções do autor,salvo sua licença poética.E também pensar sobre o retrato da desigualdade,da relação homem-natureza,no chamado "sertão goiano".

CONCLUSÕES: A magia da literatura proporciona algo além da realidade retratada por ela, ou seja,uma nova forma de interpretação mais humana no sentido de analisar as relações sociais e o contexto histórico em que a obra foi escrita.Bernardo Élis,além de ressaltar o modo de vida rural,expõe também as relações mútuas do homem com a natureza e por conseguinte,com a sociedade.As descrições de figuras dramáticas como a Nhola dos Anjos e do ambiente,no caso o Rio Corumbá,faz desse conto uma amostra da vida em um lugar tão hostil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASILIENSE,Eli.**Um cinematografista do barulho.**O Popular,Goiânia.18 out.1944.

CHAVEIRO,E.F.A dança **da natureza e a ruína da alma:Geografia e literatura-uma leitura possível.**IN:Ateliê Geográfico,Goiânia-GO,v.1.n.2 dez/2007.p.180.

CIRQUEIRA,Diogo Marçal.**As paisagens de Bernardo Élis na obra Verânico de Janeiro.**IN:Ateliê Geográfico,Goiânia-GO,v.5,n.3,dez/2011,p.26.

ÉLIS, Bernardo.**Almas De Goiás**,1915--Obra reunida/Bernardo Elis--Rio de Janeiro:José Olympio,1987.